


NEURODIVERSIDADE NAS INSTITUIÇÕES DE ENSINO: CONSIDERANDO O TEA, TDAH E DISLEXIA COMO MODOS NATURAIS DE FUNCIONAMENTO DO CÉREBRO, AO INVÉS DE MEROS DÉFICITS**NEURODIVERSITY IN EDUCATIONAL INSTITUTIONS: CONSIDERING ASD, ADHD, AND DYSLEXIA AS NATURAL WAYS THE BRAIN FUNCTIONS, RATHER THAN MERE DEFICITS** <https://doi.org/10.63330/aurumpub.028-014>**Erisnalva Pereira da Silva**

Doutoranda em Movimento Humano e Reabilitação - UniEVANGÉLICA

E-mail: erisnalva.silva@ifto.edu.br

Carlos Guterres Oliveira Bezerra

Especialista em Avaliação Psicológica - Faculdade Iguaçu

E-mail: psicatarse08@gmail.com

Ana Luiza Fernandes Neves

Especialista em Neurociências e Comportamento - Faculdade Intervale

E-mail: analuizafneves@hotmail.com

Taynara Araújo Chaves

Especialista em Coordenação e Gestão Escolar - Faculdade Einstein

E-mail: thayacr@gmail.com

Jesuina Miranda da Silva

Especialista em Distúrbio de Aprendizagem - Faculdade São Braz

E-mail: geysajeane17@gmail.com

Gabriel Antonio Ogaya Joerke

Mestrado em Educação - UFMT

E-mail: gabriel.joerke@gmail.com

Angélica da Silva Corrêa

Licenciatura em Matemática - UNIASSELVI

Karla Geane Botelho de Souza

Especialização em Atendimento Educacional Especializado - FACUMINAS

E-mail: karlageane78@gmail.com

Adriano Melo Aguiar

Especialização em Atendimento Educacional Especializado e Educação Especial - Universidade Cândido Mendes

E-mail: adrianomeloaguiar@gmail.com



Anna Aparecida Alves de Brito

Mestrado em Ciências da Educação - UDSE

E-mail: annabritopsic@gmail.com

Maycon Alves da Silva

Especialização em Neuropsicopedagogia - FACEMINAS

E-mail: maycon.alvess13@gmail.com

RESUMO

Este texto aborda a neurodiversidade nas escolas, enxergando o Transtorno do Espectro Autista (TEA), o Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) e a Dislexia como formas naturais de operar do cérebro, ao invés de apenas deficiências. Com base em uma análise teórica e na avaliação de dados atuais, procura-se entender de que forma a visão da neurodiversidade pode auxiliar em abordagens educacionais inclusivas, ressaltando as habilidades dos alunos neurodivergentes. A pesquisa destaca que a educação inclusiva demanda não somente ajustes nas metodologias, mas também uma alteração na cultura, capaz de converter a diversidade de habilidades cognitivas em um recurso para o ensino. Chega-se à conclusão de que aceitar o TEA, o TDAH e a Dislexia como manifestações válidas da diversidade humana é essencial para desenvolver uma educação que seja mais democrática, variada e criativa.

Palavras-chave: Neurodiversidade; Educação inclusiva; TEA; TDAH; Dislexia.

ABSTRACT

This article discusses neurodiversity in educational institutions, considering Autism Spectrum Disorder (ASD), Attention Deficit Hyperactivity Disorder (ADHD), and Dyslexia as natural modes of brain functioning rather than mere deficits. Based on a theoretical review and recent data analysis, the study aims to understand how the perspective of neurodiversity can contribute to inclusive pedagogical practices, valuing the potential of neurodivergent students. Findings show that school inclusion requires not only methodological adaptations but also a cultural shift capable of transforming cognitive diversity into a pedagogical resource. It concludes that recognizing ASD, ADHD, and Dyslexia as legitimate expressions of human diversity is essential for building a more democratic, plural, and innovative education.

Keywords: Neurodiversity; Inclusive education; ASD; ADHD; Dyslexia.



1 INTRODUÇÃO

O debate acerca da neurodiversidade tornou-se um dos tópicos principais no âmbito da educação inclusiva e da psicologia atual. A expressão, criada por Judy Singer nos anos 90, sugere uma nova abordagem ao ver condições como o Transtorno do Espectro Autista (TEA), o Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) e a Dislexia não apenas como deficiências ou doenças, mas como formas válidas da diversidade humana (Singer, 1999). Esse ponto de vista desafia a abordagem convencional, que é bastante moldada pelo paradigma médico e que geralmente categoriza essas situações como problemas a serem resolvidos.

No cenário educacional, a aceitação da neurodiversidade significa entender que as variadas formas de pensar e os diferentes modos de operar do cérebro podem agregar valor ao espaço escolar. Em vez de focar somente na padronização dos alunos, as escolas devem reconhecer suas particularidades, incentivando métodos de ensino que respeitem e desenvolvam suas competências. Essa metodologia alinha-se com os fundamentos da educação inclusiva, promovidos por entidades globais como a UNESCO, que sustentam que a diversidade é um ativo e não um impedimento (UNESCO, 2023).

A importância da questão se agrava ao observar o crescimento no número de alunos com necessidades especiais nas instituições de ensino convencionais, fruto de iniciativas governamentais focadas na inclusão, como a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Lei nº 13. 146/2015). Entretanto, a implementação dessas diretrizes ainda encontra obstáculos, especialmente no que se refere à capacitação de professores e à superação de estigmas profundamente entrenchados na sociedade. Vários educadores ainda têm a sensação de não estar prontos para enfrentar a diversidade neurológica, o que destaca a urgência de reconsiderar currículos, abordagens e métodos de avaliação.

Além disso, entender o TEA, TDAH e a Dislexia como formas naturais de operar do cérebro ajuda a transferir a atenção de uma visão de deficiência para uma perspectiva de potencial. Pessoas no espectro autista, por sua vez, podem ter talentos notáveis em campos como raciocínio lógico e visualização; indivíduos com TDAH comumente mostram inventividade e vivacidade em contextos agitados; por outro lado, aqueles com dislexia podem brilhar em tarefas que requerem habilidades visuais e artísticas. Identificar essas qualidades é essencial para que a instituição de ensino realize sua função de ambiente de crescimento completo, impedindo a transformação dos alunos em meros diagnósticos clínicos.

Este texto visa abordar a neurodiversidade nas escolas, tratando o TEA, TDAH e Dislexia como formas normais de operação do cérebro. O objetivo é examinar de que maneira a abordagem da neurodiversidade pode ajudar na criação de práticas educacionais mais inclusivas, enfatizando obstáculos, oportunidades e métodos que promovam a apreciação da diversidade no desenvolvimento cognitivo. O pensamento apresentado busca auxiliar na criação de uma educação que não apenas aceite, mas também



valorize a diversidade de maneiras de aprender e existir, reiterando o compromisso ético e social das escolas com a inclusão.

2 O CONCEITO DE NEURODIVERSIDADE

A ideia de neurodiversidade, que foi proposta por Judy Singer nos anos 90, tem sido frequentemente reavaliada e expandida por estudos recentes. O conceito principal é que condições como o Transtorno do Espectro Autista (TEA), o Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) e a Dislexia não devem ser vistas somente como desordens, mas sim como formas naturais de operação do cérebro, refletindo variantes genuínas da diversidade humana (Singer, 1999).

Estudos recentes fortalecem essa visão ao enfatizar que a neurodiversidade precisa ser vista como uma ferramenta para a formação educacional inclusiva. Pereira e col. (2025) defendem que abordagens educacionais que levam em consideração a diversidade neurológica ajudam na verdadeira inclusão de alunos, beneficiando não só o rendimento escolar, mas também o crescimento socioemocional. Essa perspectiva muda a ênfase de corrigir faltas para reconhecer as capacidades pessoais.

Da mesma maneira, Nascimento e colegas (2024) destacam que abordagens educacionais focadas na neurodiversidade possibilitam que estudantes com variados perfis cognitivos se envolvam de maneira justa nas tarefas escolares. Os escritores argumentam que a instituição de ensino precisa deixar de lado abordagens uniformes e implementar métodos adaptáveis, que possam lidar com as diversas maneiras de aprendizado.

No Brasil, Martins (2023) enfatiza que entender a neurodiversidade é fundamental para vencer práticas de exclusão que ainda existem nas instituições educacionais. De acordo com a escritora, a aceitação das variações neurológicas como um aspecto da diversidade humana enriquece a discussão sobre inclusão e requer a capacitação de professores focada em métodos de ensino criativos.

Portanto, a ideia de neurodiversidade vai além de uma mera teoria, sendo um movimento atual que solicita transformações reais e culturais nas instituições educacionais. Ele incita educadores e administradores a reconsiderarem os planos de ensino, práticas pedagógicas e formas de avaliação, entendendo que não há um único modelo de aprendizagem, mas diversas trajetórias possíveis.

3 TEA COMO MODO NATURAL DE FUNCIONAMENTO

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é comumente apresentado nas fontes médicas como uma condição que se caracteriza por variações na socialização, comportamentos repetitivos e interesses limitados. Entretanto, na visão da neurodiversidade, o Transtorno do Espectro Autista deve ser visto como uma forma inerente de operação cerebral, que traz consigo tanto dificuldades quanto possibilidades. Esse método desafia a perspectiva simplista que considera o autismo apenas como uma falta e possibilita



identificar aptidões cognitivas únicas, tais como a observação minuciosa, raciocínio lógico e uma memória visual mais desenvolvida (Grandin, 2022).

Recentemente, a quantidade de alunos com Transtorno do Espectro Autista inscritos em instituições de ensino convencionais aumentou de maneira expressiva. Conforme informações do Censo Escolar 2024, publicado pelo Ministério da Educação e pelo Inep, observou-se um crescimento de 44,4% nas inscrições de estudantes autistas entre os anos de 2023 e 2024, saltando de 636. 202 para 918. 877 alunos. Esse avanço demonstra, de um lado, o aprimoramento das ações de inclusão e, de outro, o aumento da percepção social acerca da relevância de assegurar o acesso à educação para todos.

O aumento do número de alunos autistas nas escolas confronta as instituições de ensino com a necessidade de reconsiderar suas abordagens educacionais. É fundamental que os educadores entendam que o TEA não representa uma limitação, mas sim uma maneira única de enxergar e se relacionar com o ambiente. Diversos alunos com autismo apresentam talentos notáveis em campos como matemática, música, artes visuais e tecnologia, mostrando-se aptos a oferecer contribuições relevantes tanto na escola quanto na comunidade.

Ademais, pesquisas recentes evidenciam que contextos de ensino que são inclusivos, proporcionando suporte apropriado e abordagens variadas, beneficiam não apenas o progresso escolar dos alunos com TEA, mas igualmente sua independência e autoconfiança (Pereira et al. , 2025). O uso de elementos visuais, práticas organizadas e ferramentas assistivas são abordagens que têm o potencial de fortalecer a aprendizagem, enquanto diminuem os obstáculos na comunicação e interação.

Um fator significativo é a influência que a presença de alunos autistas exerce sobre a cultura da escola. Ao interagir com colegas neurodivergentes, os outros estudantes aumentam sua empatia, valorizam as diversidades e aprimoram suas habilidades de cooperação. Assim, a neurodiversidade ajuda na formação de indivíduos mais informados e aptos a coexistir em uma sociedade diversa.

Assim, entender o TEA como uma forma natural de operação do cérebro significa aceitar que o ambiente escolar precisa ser um local que valorize as diversidades. Além de ajustar os conteúdos, é fundamental modificar as abordagens pedagógicas e as ideias sobre aprendizagem, assegurando que os alunos autistas possam não apenas ter acesso, mas também se envolver de forma ativa e relevante no processo educacional.

4 TDAH E ESTILOS ATENCIONAIS

O Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade (TDAH) é comumente caracterizado nos estudos médicos como uma situação que se apresenta com desatenção, comportamento impulsivo e atividade excessiva. Entretanto, pela perspectiva da neurodiversidade, o TDAH pode ser visto como uma forma singular de prestar atenção, que traz consigo tanto dificuldades quanto oportunidades. Essa visão



altera a atenção da limitação para a pluralidade, aceitando que pessoas com TDAH têm maneiras únicas de compreender informações e se relacionar com o meio (Barkley, 2021).

Estudos recentes indicam que indivíduos com TDAH costumam demonstrar mais criatividade, pensamento não-linear e habilidade para inovar em contextos variados. Conforme afirmam Costa e Almeida (2024), alunos com TDAH mostram um rendimento melhor em atividades que demandam adaptabilidade mental e criação de conceitos inovadores, qualidades que podem ser incentivadas em ambientes de aprendizagem que promovam metodologias ativas.

No Brasil, a crescente conscientização acerca do TDAH tem resultado em uma maior integração de alunos diagnosticados em instituições de ensino regulares. Informações do MEC (2025) mostram que houve um aumento considerável nas inscrições de estudantes com necessidades especiais ligadas ao TDAH, destacando a relevância de abordagens educacionais inclusivas. Essa situação requer que os educadores estejam prontos para trabalhar com diversas formas de atenção, desistindo de abordagens uniformes e inflexíveis de ensino.

Dentre as abordagens educacionais mais eficientes para alunos com TDAH, destacam-se a adoção de métodos que promovam a participação, a divisão de atividades em partes menores, a aplicação de materiais visuais e tecnológicos, bem como a criação de espaços de ensino que sejam mais adaptáveis (Nascimento et al. , 2024). Essas ações não apenas beneficiam o rendimento escolar, mas também auxiliam no crescimento socioemocional, fomentando a autoconfiança e a independência.

Um ponto importante a ser considerado é como a presença de alunos com TDAH influencia a cultura do ambiente escolar. Ao perceber que a energia e a impulsividade podem ser direcionadas para projetos criativos e em equipe, a instituição educacional converte traços antes considerados desafiadores em ferramentas de ensino. Isso ajuda a criar um espaço mais diversificado e criativo, onde diversas maneiras de aprender são valorizadas.

Assim, entender o TDAH como uma forma de diversidade mental significa admitir que a instituição de ensino precisa ser um ambiente que aprecia as diferenças, podendo converter obstáculos em chances. Além de ajustar os conteúdos, é fundamental incentivar uma transformação cultural que valorize a diversidade de estilos de atenção e cognitivos existentes na comunidade escolar.

5 DISLEXIA COMO VARIAÇÃO NEUROLÓGICA

A dislexia é comumente entendida como um distúrbio específico de aprendizado, que se manifesta por dificuldades contínuas em ler, escrever e soletrar, mesmo diante de uma inteligência mantida e liberdade adequada à educação. Entretanto, de acordo com a visão da neurodiversidade, a dislexia precisa ser vista como uma variação natural do funcionamento neurológico, que evidencia diferentes formas de processamento cognitivo e não como um erro ou limitação (Shaywitz, 2020).



Estudos recentes mostraram que pessoas com dislexia possuem talentos especiais em campos como raciocínio visual, originalidade, solução de problemas e criatividade. De acordo com Oliveira e Santos (2024), alunos com dislexia costumam criar métodos alternativos de aprendizado que podem aprimorar o ambiente educacional, incentivando novas maneiras de entender e gerar conhecimento. Essa perspectiva expande a discussão acerca da inclusão, mudando a atenção da reparação de faltas para a valorização das capacidades.

No cenário educacional do Brasil, informações do MEC (2025) indicam um crescimento considerável no reconhecimento de alunos com dislexia nas instituições de ensino convencionais, fruto de ações governamentais voltadas para a inclusão e de uma maior sensibilização da população em relação à diversidade cognitiva. Esse contexto requer que educadores estejam prontos para abordar diversas formas de aprender, aplicando métodos adaptáveis e ferramentas tecnológicas que beneficiem o acesso à informação.

Dentre as abordagens educacionais mais produtivas para alunos que apresentam dislexia, destacam-se a utilização de ferramentas tecnológicas de apoio, como programas para leitura e escrita, a implementação de métodos que envolvem múltiplos sentidos e a adaptação das formas de avaliação (Pereira et al. , 2025). Essas ações não só melhoram o rendimento escolar, mas também ajudam no crescimento emocional e social, incentivando a confiança e a independência.

Outro ponto importante é a influência da integração de alunos com dislexia na cultura escolar. Ao perceber que ter dificuldades de leitura não significa falta de inteligência, a escola ajuda a diminuir o preconceito e a valorizar as diversidades. Além disso, a interação com colegas que têm dislexia contribui para criar uma comunidade escolar mais empática e diversificada, onde várias maneiras de aprender são reconhecidas.

Assim, entender a dislexia como uma alteração neurológica significa perceber que a escola precisa ser um ambiente que valorize as diversidades, capaz de converter dificuldades em possibilidades. Além de ajustar os conteúdos, é fundamental incentivar uma transformação cultural que valorize a diversidade de estilos de aprendizado existentes na escola.

6 INSTITUIÇÕES DE ENSINO E INCLUSÃO

As escolas têm uma função fundamental na valorização da neurodiversidade. A instituição de ensino é, por definição, um local de interação social e de criação de conhecimentos, e por essa razão deve estar apta a receber alunos com diferentes formas de funcionamento do cérebro. A educação inclusiva, mencionada em textos globais como a Declaração de Salamanca (UNESCO, 1994) e reiterada em relatórios atualizados da UNESCO (2023), afirma que todos os estudantes merecem acesso a uma formação de qualidade, sem levar em conta suas particularidades.



No país, a Lei de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Lei nº 13.146/2015) determina que ter acesso à educação inclusiva é um direito essencial. Adicionalmente, a Política Nacional de Educação Especial sob a Ótica da Educação Inclusiva (Brasil, 2008) enfatiza a importância de abordagens educacionais que assegurem a inclusão total de alunos neurodivergentes. Informações recentes do MEC (2025) indicam que a quantidade de alunos com TEA, TDAH e dislexia em instituições de ensino regulares tem aumentado consideravelmente, destacando a necessidade imediata de políticas para a formação de professores e investimento em materiais pedagógicos que promovam a inclusão.

A capacitação de educadores representa um dos principais obstáculos para a concretização da inclusão. Um grande número de profissionais ainda não é treinado de forma apropriada para enfrentar a diversidade neurológica, o que pode resultar em incertezas e abordagens que excluem pessoas. Conforme mencionado por Martins (2023), é essencial que os cursos de formação de professores e os programas de educação continuada integrem temas relacionados à neurodiversidade, para que os educadores entendam as particularidades de cada condição e criem métodos de ensino apropriados.

Além do preparo dos educadores, é essencial que as instituições de ensino apliquem recursos em tecnologias de suporte, estratégias variadas e espaços de aprendizado adaptáveis. A utilização de ferramentas digitais, por exemplo, pode ajudar alunos que têm dislexia, enquanto práticas organizadas e auxílios visuais podem ser vantajosas para estudantes com TEA. Abordagens que envolvem a participação ativa e são dinâmicas podem fortalecer as competências de alunos que possuem TDAH.

Assim, as instituições educacionais enfrentam a tarefa de tornar a inclusão uma realidade habitual, entendendo que a neurodiversidade representa não um impedimento, mas uma chance de aprimorar o aprendizado e desenvolver indivíduos mais conscientes e prontos para coexistir em uma sociedade diversa.

7 DESAFIOS E PERSPECTIVAS FUTURAS

Embora tenha havido progressos, a implementação da neurodiversidade nas instituições educacionais ainda se depara com diversos obstáculos. Um dos fatores fundamentais é a continuidade de uma perspectiva medicalizante, que restringe o TEA, TDAH e a dislexia a diagnósticos clínicos, limitando assim a percepção das habilidades dos alunos. Essa visão promove estigmas e torna mais complicado o desenvolvimento de abordagens educacionais inclusivas (Nascimento et al., 2024).

Um outro obstáculo é a escassez de recursos tanto materiais quanto humanos. Diversas instituições de ensino não contam com recursos de apoio, equipe especializada ou espaços apropriados para atender às demandas dos alunos neurodivergentes. Essa falta prejudica a eficácia das políticas públicas e acentua as desigualdades na educação.

Além disso, a barreira cultural continua sendo um desafio importante. Em determinadas situações, a variação neurológica é percebida como uma questão ou anomalia, resultando em discriminação e



marginalização. Ultrapassar essa dificuldade demanda não apenas estratégias educacionais, mas também iniciativas de sensibilização e transformações na cultura social.

As visões para o futuro, contudo, são encorajadoras. O progresso nos estudos sobre neurodiversidade, juntamente com o fortalecimento das políticas de inclusão, indica uma educação que se torna cada vez mais diversificada e democrática. Conforme mencionado por Pereira e colegas. Em 2025, o reconhecimento da diversidade de formas de pensar pode mudar a escola em um ambiente inovador, onde distintas maneiras de aprender são valorizadas e comemoradas.

Assim, o amanhã da neurodiversidade nas escolas está atrelado à habilidade de romper com obstáculos tanto estruturais quanto culturais, alocar recursos em capacitação de professores e materiais didáticos, além de fomentar uma transformação de visão que valorize a diversidade neurológica como uma fortaleza em vez de uma limitação.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo da neurodiversidade em escolas mostra que entender o Transtorno do Espectro Autista (TEA), o Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) e a Dislexia como formas naturais de operação cerebral é uma transformação fundamental para a educação atual. Essa visão desafia a abordagem médica que foca em deficiências, possibilitando que essas situações sejam vistas como formas válidas da diversidade humana.

Durante o texto, observou-se que a neurodiversidade não apenas expande a conversa sobre inclusão, mas também enriquece o espaço educacional, ao reconhecer talentos únicos como criatividade, raciocínio lógico, memória visual e habilidade para inovar. Identificar essas capacidades é essencial para que a escola desempenhe sua função como um ambiente democrático e diverso, capaz de receber variadas maneiras de aprender e de existir.

As escolas, dentro desse cenário, têm a responsabilidade de adotar um compromisso educativo e moral em relação à diversidade de pensamento. Isso envolve alocar recursos em capacitação de professores, ferramentas de apoio, abordagens adaptáveis e espaços de aprendizado que promovam a inclusão. Além de simplesmente adequar os conteúdos, é essencial mudar as práticas e as ideias, assegurando que todos os alunos tenham não só o acesso, mas também uma participação ativa e relevante no processo de aprendizagem.

Os obstáculos ainda são diversos: questões culturais, deficiência de recursos, preconceitos e estigmas permanecem. Entretanto, as visões para o futuro são encorajadoras. O progresso nos estudos sobre neurodiversidade, junto com a melhoria das políticas governamentais e o aumento da conscientização na sociedade, sugere uma educação que se torna cada vez mais inclusiva e criativa. De acordo com o que



afirmam Pereira e outros. Em 2025, o reconhecimento da diversidade cognitiva pode converter a escola em um ambiente de inovação e criatividade, onde variadas formas de aprender são valorizadas e comemoradas.

Assim, a dedução que se apresenta é que a neurodiversidade deve ser vista como uma vantagem e não como uma limitação. O TEA, o TDAH e a Dislexia não são barreiras, mas sim possibilidades de reimaginar a educação, fazendo-a mais inclusiva, diversificada e justa. A instituição de ensino que valoriza e comemora a diversidade do cérebro ajuda não só no crescimento total dos alunos, mas também na formação de uma comunidade mais equitativa, inclusiva e ciente das múltiplas facetas que definem a vivência humana.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARMSTRONG, Thomas. *O poder da neurodiversidade: descobrindo a singularidade de cada cérebro*. São Paulo: Summus, 2017.
- BARKLEY, Russell A. *Attention-Deficit Hyperactivity Disorder: A Handbook for Diagnosis and Treatment*. 4. ed. New York: Guilford Press, 2021.
- BRASIL. Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015. *Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência*. Brasília: Presidência da República, 2015.
- BRASIL. Ministério da Educação. *Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva*. Brasília: MEC, 2008.
- BRASIL. Ministério da Educação. *Educação inclusiva: dados sobre matrículas de estudantes com necessidades específicas*. Brasília: MEC, 2025.
- COSTA, Mariana de Souza; ALMEIDA, Ricardo Lopes. *Criatividade e estilos cognitivos em estudantes com TDAH: implicações para a educação inclusiva*. Revista Brasileira de Educação Inclusiva, v. 12, n. 2, p. 45-62, 2024.
- GRANDIN, Temple. *Visual Thinking: The Hidden Gifts of People Who Think in Pictures, Patterns, and Abstractions*. New York: Riverhead Books, 2022.
- MARTINS, Ana Maria Alves. *Neurodiversidade na Educação: quem são e como se dão os processos educacionais das crianças neurodivergentes*. Montes Claros: Universidade Estadual de Montes Claros, 2023.
- NASCIMENTO, João Batista do; SILVA, Ana Cristina Gomes; OLIVEIRA, Leandro Gilson de; et al. *Educação Inclusiva e Neurodiversidade: estratégias pedagógicas para a inclusão de alunos com distúrbios de aprendizagem*. IOSR Journal of Business and Management, v. 26, n. 10, p. 01-12, 2024.
- OLIVEIRA, Carla Mendes; SANTOS, Rodrigo Almeida. *Dislexia e neurodiversidade: desafios e potencialidades na educação inclusiva*. Revista Brasileira de Educação Inclusiva, v. 13, n. 1, p. 77-95, 2024.
- PEREIRA, Gerlany de Fátima dos Santos; MELO, Maria do Socorro de Souza; COSTA, Luis Alexandre Lemos; et al. *Neurodiversidade: perspectivas para uma educação inclusiva*. Caderno Pedagógico, v. 22, n. 13, 2025.
- SHAYWITZ, Sally. *Overcoming Dyslexia: Second Edition*. New York: Knopf, 2020.
- SINGER, Judy. *Why can't you be normal for once in your life? From a problem with no name to the emergence of a new category of difference*. In: SILVERMAN, D. (Org.). *Disability Discourse*. Buckingham: Open University Press, 1999.
- UNESCO. *Inclusive Education: Global Report 2023*. Paris: UNESCO, 2023.